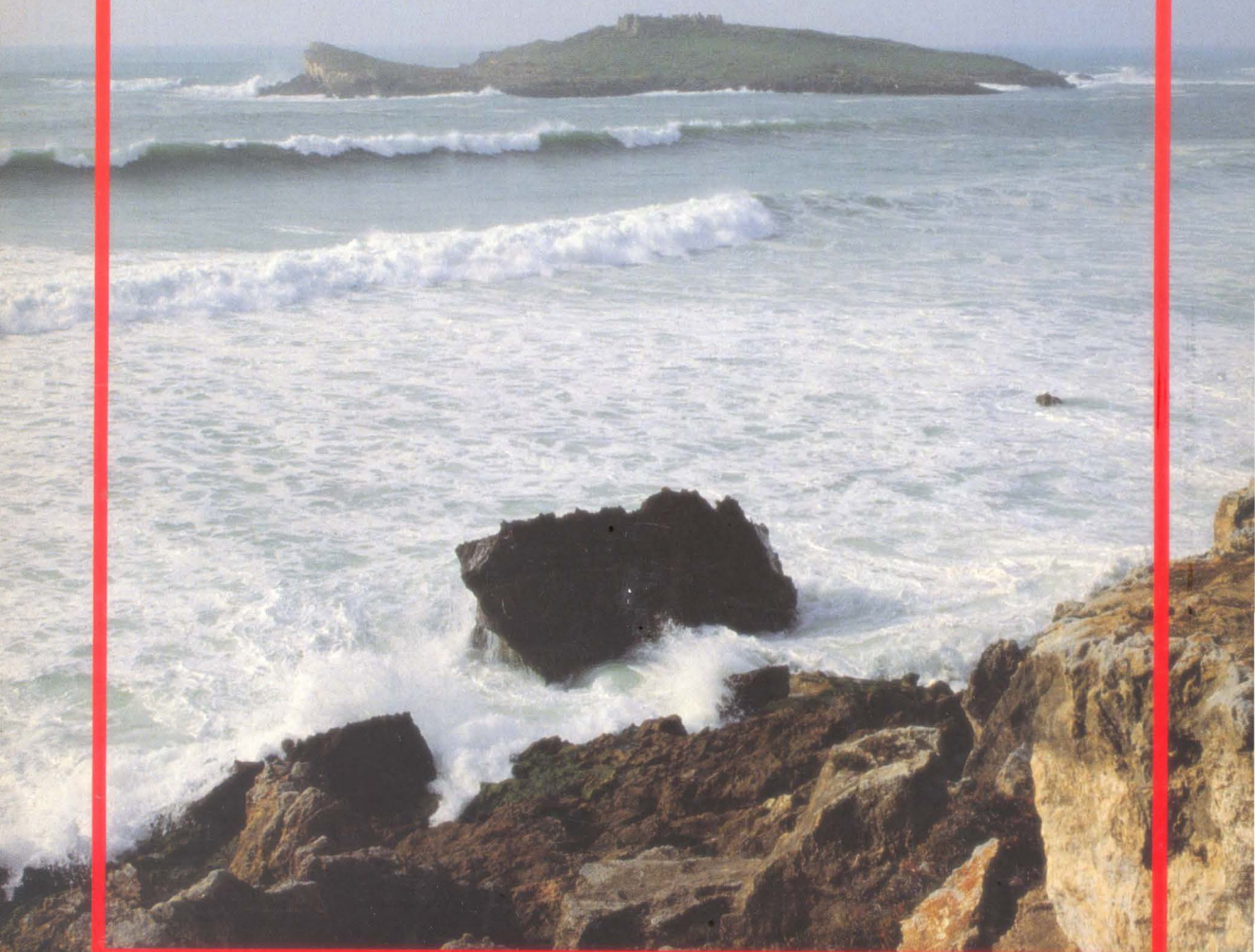


Pilha do **ESSEGUEIRO** Porto Romano da Costa Alentejana



CARLOS TAVARES DA SILVA • JOAQUINA SOARES

FICHA TÉCNICA

EDITOR:

INSTITUTO DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA
Rua da Lapa, 73, 1200 Lisboa

© Autores:

CARLOS TAVARES DA SILVA e JOAQUINA SOARES

Contribuições de:

J. GOMES PEDRO, J. C. COSTA, PEDRO RUI BEJA, JOÃO LUIS CARDOSO,
M.ª HELENA CANILHO, C. SERRA, AMÍLCAR GUERRA, LUÍS NOGUEIRA E SOUSA,
ISABEL ROSADO, VALENTINA SAUBERS SANTOS

Coordenação Editorial:
CONCEIÇÃO MOREIRA

Foto capa:
J. FILIPE JORGE

Desenhos:
JORGE COSTA e ANTÓNIO JÚLIO COSTA

Design Gráfico:
J. FILIPE JORGE

Fotocomposição
NM, ARTES GRÁFICAS

Impressão e Acabamento:
GRAFICA EUROPAM, LDA.

ISBN:
972-4034-13-3

Depósito Legal N.º 68368/93

Tiragem:
2000 exemplares

LISBOA, 1993

ANEXO IV

NOTA SOBRE A CONSTITUIÇÃO DOS MUROS DE UMA DAS FÁBRICAS DE SALGA DA ILHA DO PESSEGUEIRO

M. H. Canilho(*) & J. L. Cardoso(**)

1 — Introdução

No decurso de visita que efectuámos (J. L. C.) em 1982 à ilha do Pessegueiro, encontrava-se em escavação uma fábrica de salga, a mais pequena de duas que, actualmente, se encontram reconhecidas. Trata-se da unidade arquitectónica D14, integrável na 3.^a fase de construção, do século III-IV d. C. (SILVA & SOARES, 1991). Foi, então, reconhecido o interesse que haveria em proceder a uma análise petrográfica das diversas rochas que integravam os muretes internos dos tanques daquela fábrica de salga. As colheitas foram feitas por um de nós (J. L. C.), que também se ocupou da classificação macroscópica "in situ"; o outro signatário (M. H. C.) responsabilizou-se pela classificação, em lâmina delgada, de seis amostras. Por último, o capítulo respeitante às conclusões foi de co-autoria.

2 — Observações macro e microscópicas

2.1 — Observações macroscópicas

As observações resumiram-se ao topo das paredes, postas a descoberto pela escavação; foram dificultadas, em muitos casos, pela existência de argamassa (*opus signinum*) que serviu de ligante dos blocos.

Na descrição, dividiu-se a fábrica de salga em quatro sectores, nestes, os tanques foram numerados seguindo as referências adoptadas no registo arqueológico. Foi apenas observado o lado sul, constituído por quatro tanques:

* Investigadora da Faculdade de Ciências de Lisboa. Bloco C - 2 — 5.^o piso. — Campo Grande, 1700 Lisboa, Portugal.

** Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. Colaborador permanente do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal.

Tanque 1

Lado norte (septo com tanque 8) — 1 bloco de rocha verde, xistosa; 1 seixo de grauvaque escuro; 1 bloco de grauvaque alterado;

Lado sul — vários blocos de rochas ígneas (essencialmente de microssienito), de grauvaque e um seixo rolado de quartzo branco, filoniano;

Lados oeste e este — não se encontram suficientemente visíveis.

Tanque 2

Lado norte — só visíveis 2 blocos de rocha xistosa verde;

Lado sul — 1 bloco de sienito, outro de rocha siliciosa verde, com veios de quartzo, provavelmente um grauvaque alterado;

Lado oeste — (= *lado este do Tanque 1*);

Lado este — 1 bloco de rocha verde, esbranquiçada e com xistosidade, por vezes muito siliciosa (grauvaque alterado?).

Tanque 3

Lado norte — diversos elementos de grauvaque, por vezes seixos rolados, de coloração escura, associados a rochas xistosas esverdeadas (grauvaques alterados?), quartzitos e quartzo filoniano esbranquiçado;

Lado sul — elementos de rochas siliciosas verdes (grauvaques alterados?) largamente predominantes;

Lado oeste — (= *lado este do Tanque 2*);

Lado este — 1 bloco de xisto amarelo-esverdeado, outro de grauvaque compacto esbranquiçado, devido a alteração, e um último de rocha verde com xistosidade, e com veios quartzosos (grauvaque alterado?).

Tanque 4

Lado norte — numerosos elementos de rocha xistosa, siliciosa e esverdeada, com filonetes de quartzo, por vezes sob a forma de seixos rolados, podendo alguns, mais compactos e esbranquiçados, ser de rochas ígneas filonianas do tipo riolítico, acompanhados por raros elementos de xisto;

Lado sul — rochas siliciosas mais ou menos compactas, verdes e esbranquiçadas (algumas poderão ser do tipo riolítico);

Lado oeste — (= *lado este do Tanque 3*)

Lado este — elementos de rochas verdes mais ou menos xistentas, em grande parte grauvaques alterados (?).

2.2 — Observações microscópicas

Com o objectivo de ultrapassar algumas incertezas de classificação macroscópica, nomeadamente a identificação petrográfica de algumas — muito raras — rochas de características ígneas de textura equigranular e, sobretudo, das rochas mais ou menos xistentas e siliciosas, de coloração esverdeada a esbranquiçada, que predominavam na constituição das alvarias, efectuaram-se seis lâminas delgadas de rochas tendo em vista a observação microscópica. Em amostra de mão, era possível individualizar 2 grupos:

Grupo 1 — Rochas esbranquiçadas a esverdeadas, siliciosas, mais ou menos compactas:

- 1 — amostra proveniente do *Tanque 3, lado norte*;
- 2 — amostra proveniente do *Tanque 3, lado norte*;
- 3 — amostra proveniente do *Tanque 2, lado sul*;
- 4 — amostra proveniente do *Tanque 2, lado este*;
- 6 — amostra proveniente do *Tanque 2, lado sul*.

Grupo 2 — Rochas ígneas equigranulares:

- 5 — amostra proveniente do *Tanque 2, lado sul* (seixo rolado).

Os resultados do exame microscópico confirmaram a existência destes dois grupos, indicados pela análise macroscópica, permitindo conferir maior precisão à classificação.

LÂMINAS 1, 2, 4 e 6 — Rochas de grão muito fino, quase compactas, de cor clara, algumas, mesmo, esbranquiçadas (2, 4 e 6). A matriz é constituída por quartzo microgranular e vestígios de minerais argilosos.

O quartzo, que é o constituinte largamente predominante, pode formar massas extensas ou pequenos veios de grãos subarredondados ou um tanto angulosos de dimensões superiores às da matriz, que se dispõem de forma levemente orientada, ou nitidamente orientada como acontece na amostra n.º 4. Dispersos na matriz, encontram-se alguns grãos de óxido

de ferro e na lâmina n.º 1 podem observar-se pequenos grânulos de anfíbola verde.

São rochas de grão muito fino, quartzosas, com vestígios de minerais filíticos, podendo ser originárias da área de Porto Covo, provavelmente grauvaques quartzosos do Carbonífero marinho do Alentejo.

LÂMINA 3 — Rocha xistenta com estrutura nitidamente orientada. Observa-se densa matriz rica de sericite em finíssimas escamas e feixes de escamas muito estiradas. A matriz, além dos minerais filíticos, contém quartzo finamente granulado. Este mineral encontra-se, também, em grãos de maiores dimensões formando agregados e veios que seguem a orientação geral da rocha.

Esta rocha é claramente um xisto, que, como acima se refere, é a rocha predominante do Carbonífero marinho, que domina em toda a área na proximidade da ilha do Pessegueiro.

LÂMINA 5 — Rocha ígnea de grão médio a grosseiro, com grandes cristais de feldspato (ortose e albite-oligoclase) muito alterado — caulinizado e pertitzado.

Como minerais acessórios podem distinguir-se biotite, quartzo, óxido de ferro, piroxena, anfíbola verde, apatite e epídoto.

Trata-se de rocha sienítica, muito abundante na região do cabo de Sines, onde constitui grande afloramento. Este tipo de rocha aparece, também, em filões que cortam, em diversos locais, o maciço ígneo de Sines.

3 — Discussão e conclusões

Dos resultados apresentados, verifica-se que a larga maioria das rochas utilizadas na construção dos tanques da fábrica de salga são xistos e grauvaques, do Carbonífero marinho de fácies "flysch", mais ou menos alterados, cuja proveniência poderia ser a própria área fronteiria à ilha. Em alguns casos, torna-se difícil a separação destas rochas de outras, igualmente siliciosas e esverdeadas, que ocorrem na arriba litoral adjacente: trata-se de tufos ácidos riolíticos e quartzo-queratofíricos, e felsitos (*cf.* Carta Geológica de Portugal na escala de 1/200 000, Folha 7). Estará, assim, explicada, a ocorrência de algumas rochas que, em amostra de mão, hesitámos em classificar como riolíticas, não identificadas em lâmina delgada. Por último, ocorrem, secundariamente, rochas ígneas cuja análise micros-

cópica permitiu confirmar como sieníticas, que provêm, sem dúvida, do maciço subvulcânico de Sines (CANILHO, 1972), afastado cerca de 14 km para N. NW. O facto destes tipos petrográficos ocorrerem, sobretudo sob a forma de seixos rolados — tal como alguns, de grauvaque — permite admitir a sua chegada por causas naturais ao litoral de Porto Covo.

BIBLIOGRAFIA

- CANILHO, M. H. (1972) — Estudo geológico-petrográfico do maciço eruptivo de Sines. *Bol. Mus. Lab. Min. Geol. Fac. Ciências Lisboa*, 12 (2): 79-161.
- OLIVEIRA, J. T., Coordenador (1981) — Carta Geológica de Portugal na escala de 1/200 000. Folha 7. *Serviços Geológicos de Portugal*.
- SILVA, C. Tavares da & SOARES, J. (1991) — Ilha do Pessegueiro. Estabelecimento romano da Costa Sudoeste. *Correio da Natureza*, 11: 10-16.